



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CINEMA E AUDIOVISUAL

JULY BATISTA DE SOUZA

seja noite, seja dia, meu corpo gira
vídeo, foto e ancestralidade

RECIFE

2024

JULY BATISTA DE SOUZA

seja noite, seja dia, meu corpo gira
vídeo, foto e ancestralidade

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal de Pernambuco pelo aluno July Batista de Souza, como requisito para a obtenção do título de bacharel em Cinema e Audiovisual.

Orientadora Profa. Dra. Nina Velasco e Cruz.

RECIFE

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Souza, July Batista de.

Seja noite, seja dia, meu corpo gira: vídeo, foto e ancestralidade / July
Batista de Souza. - Recife, 2024.

23 p. : il.

Orientador(a): Nina Velasco e Cruz

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Cinema e Audiovisual -
Bacharelado, 2024.

Inclui referências.

1. Foto. 2. Vídeo. 3. Cinema. 4. Ancestralidade. I. Cruz, Nina Velasco e.
(Orientação). II. Título.

700 CDD (22.ed.)

Agradecimentos

Lembro como se fosse ontem do primeiro dia em que pisei na Universidade. É engraçado lembrar que eu não fazia ideia do caminho que seria traçado a partir dali, foram anos de muita andança, aprendizados, erros e acertos, e hoje reconheço cada passo como pedaços do quebra cabeça que vão construindo quem sou. E eu não seria nada sem os encontros que cruzaram e fizeram morada durante o trajeto.

Agradeço, primeiramente, a minha mãe Raquel, que me deu a vida e me ensinou que as dores e as lutas fazem parte, só não vale desistir, à minha vó Alice (in memoriam), um dos meus alicerces nessa pesquisa e na vida, às minhas tias Tá e Dida, onde minhas memórias me encontram na infância fingindo não escutar suas conversas, e à minha irmã Júlia, que sempre fez viver ser mais tolerável.

Também agradeço minha segunda família, de axé, todes do Ylê Axé Oxum Deym, o cantinho que encontrei para também chamar de casa, especialmente a Vó Quixaba, Vó Carminha, Pai Marcelo, Mãe Joana, e Yabá Shirlene, por todo cuidado e aprendizado. Assim como a Nação do Maracatu Encanto do Pina e o Maracatu Baque Mulher, a Adri, Jamile, Mari, Jocien, que sempre me acolheram e me ensinaram sobre a força e coragem que eu não sabia que existia em mim.

Aos meus amigos, amores e afetos que seguraram minha mão ao longo desse processo, agradeço especialmente a Diá e Paulo, pelas nossas trocas sensíveis e lombras que são sempre as melhores, Laura, Geo e John, que me fizeram companhia nos primeiros anos de faculdade, Bia, que mesmo sem ser de dentro da UFPE, foi lá que nos encontramos pela primeira vez e nos grudamos até hoje, e a Ce, pelas vivências mais gostosas e intensas que eu poderia ter. Ter com quem caminhar junto e compartilhar as aventuras torna tudo menos difícil. Rir, chorar e amar com vocês foi e é bom demais, e eu serei para sempre muito grato.

A minha orientadora, Nina Velasco, por topar e confiar que eu conseguiria desenvolver esse projeto, mesmo com o prazo tão curto. Obrigado por dar chance a trabalhos tão pessoais como esse.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso consiste em uma instalação audiovisual composta por uma coletânea de aproximadamente cinquenta fotografias e um curta metragem de gênero experimental, que busca registrar três manifestações culturais de Pernambuco, o Maracatu de Baque Virado, o Maracatu Rural de Baque Solto e o Coco de Roda. Como forma de levantar reflexões acerca de temas como corpo, memória, território e ancestralidade, o projeto reconhece as vivências do autor como guias para interligar todo o processo de descobertas consigo e com o mundo à sua volta.

Palavras-chave: foto, vídeo, cinema, ancestralidade

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 Seja noite, seja dia, meu corpo gira	7
2.1 Maracatu Nação de Baque Virado	10
2.2 Maracatu Rural de Baque Solto	12
2.3 Coco de Roda	16
3 Cinema experimental e o resgate histórico	19
4 Considerações finais	20
Referências bibliográficas	22

“A ancestralidade tanto pode ser concebida como um princípio filosófico do pensamento civilizador africano quanto pode ser vislumbrada como um canal, um meio pelo qual se esparge, por todo o cosmos, a força vital, dínamo e repositório da energia movente, a cinesia originária sagrada, constantemente em processo de expansão e de catalisação.” (MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.)

1. INTRODUÇÃO

Era ainda muito pequeno quando fui levado a uma juremeira para benzer a minha cabeça. Segundo minha mãe, eu estava com “mau olhado”. Fragmentos daquela casa ainda povoam minha memória: o terraço com uma cadeira de balanço, cercado por vasos de plantas que tinham seu verde a brilhar. Dona Lia, uma mulher negra, já com a coluna um pouco mais curvada e cabelos brancos, em seus olhos irradiava a sabedoria acumulada em anos de vida. Lembro de ser colocado em seu colo enquanto ela murmurava palavras em meu ouvido, segurando um punhado de folhas. Minha mãe, também negra, mas de pele clara e hoje evangélica, foi quem me levou até lá. Apesar disso, demonstra aversão e receio por esse “tipo de coisa”, expressão colocada pela mesma ao se referir a Jurema Sagrada, religião de matriz afro-indígena do Nordeste do Brasil. Acredito que a distância da crença se originou logo em sua infância, uma violência que a impediu de conhecer uma parte de sua história. Anos mais tarde, aos meus dezenove anos, piso pela primeira vez em um terreiro de Candomblé Nagô (religião de matriz africana) que também cultua a Jurema, e me sinto, de alguma forma, transportado de volta àquela memória. Tudo me fascina, do chão às paredes e ao teto, até mesmo o que não consigo ver. Hoje, minha mãe já diz que me levou a Dona Lia porque eu não conseguia dormir, escutava vozes e via coisas que ela não conseguia ver. Ela reconhece com respeito e sabedoria aquele momento como uma confluência entre meu passado, presente e futuro, e, mesmo sem dar nomes, ainda sabe que é a nossa ancestralidade sendo trabalhada para não ser esquecida.

2. Seja noite, seja dia, meu corpo gira

Em meio a vida que me *arrudeia*, são muitas as vezes que me vejo à deriva, caminhando em espaços de incertezas, onde sempre um “será que sou suficiente?” ronda minha existência. Um corpo trans e negro - pardo, nordestino, de vinte e quatro anos andando nesse país precisa ser protegido de alguma forma. Foi na busca por mais segurança em andar por aí, que me voltei a pensar pequenino, a lembrar da minha vó Alice, da minha tia Dida e tia Tá, que juntas a minha mãe, são as memórias que vagueiam minha mente me dando a coragem que preciso para não desistir da minha história, pois assim eu estaria desistindo delas também.

A necessidade de resumir o que me trouxe até aqui aparece, pois reconheço e acho importante ponderar que minha passagem pela universidade apenas intensificou as necessidades preexistentes. Assim, ao revisitar minhas raízes, começo a enxergar o meu lugar no mundo, e os encontros que tive ao longo do caminho potencializam os meus vislumbres, afirmando a presença constante dos meus ancestrais, que reencontro em pessoas, acontecimentos, objetos, músicas, fotografias, e muito mais.

Em 2019, meus caminhos encontraram o Maracatu Nação Encanto do Pina, da comunidade do Bode (Pina, Recife/PE), onde sou hoje batuqueiro e filho de santo do Ylê Axé Oxum Deym, terreiro de candomblé e jurema, berço da nação. Pisando devagar, cheguei sem saber onde estava indo, mas fui guiado por um calor de confiança que me impulsionava a seguir. Em 2020, integrei a equipe de comunicação do desfile de agremiações do carnaval pela primeira vez, gravando e fotografando. Foi a primeira vez também que trabalhei com uma câmera, na época uma Nikon, cujo modelo não me recordo. Ao registrar aquele momento, fui inundado por um êxtase de informações que me atravessaram ao longo dos 40 min de apresentação. Os olhos brilhantes no baque, o som estonteante daquelas alfaías, os corpos que não paravam de dançar, e de criança a idoso, todo mundo estava ali com um propósito: saudar e reverenciar sua cultura, seus fundamentos e sua identidade.

Sendo assim, comecei a pensar mais a fundo sobre a ação de registrar aquele acontecimento e seus semelhantes, germinando uma pesquisa que viria a se chamar *seja noite, seja dia, meu corpo gira*, que dá título a este projeto. Ainda sob o impacto do desfile, surgiam questionamentos sobre como utilizar a fotografia e o vídeo para documentar tais eventos, com o objetivo de fortalecer e preservar as memórias e culturas afro-indígenas presentes, denunciar as desigualdades e violências sofridas por essas comunidades, e servir como ferramenta educacional para, junto a outros elementos como a oralidade e a corporeidade, transmitir seus valores culturais às futuras gerações.

Assim, como fruto de uma busca pessoal por segurança e pertencimento, surge o projeto *seja noite, seja dia, meu corpo gira*. Nele, me desenvolvo como um pesquisador antropológico imerso nas experiências, elaborando conhecimento a partir delas. Nesse sentido, a pesquisa visa sensibilizar, em primeiro lugar, corpos negros e indígenas em trânsito de busca por reconhecimento de suas identidades. Além disso, procura acolher, de diferentes maneiras, a multiplicidade de seres em suas complexidades de existência.

Com base em uma pesquisa de três anos e meio, e que não se encerra aqui, o projeto se materializa em uma instalação audiovisual que imerge nos corpos dançantes de três manifestações culturais afro-indígenas de Pernambuco, pelas quais nutro grande apreço: o maracatu de baque virado, o maracatu de baque solto e o coco de roda. Inspirado pelas palavras da ensaísta Leda Maria Martins – “As imagens podem ser também sonoras e cinéticas e essas suas qualidades são contíguas” – investigo, através do registro fotográfico e em vídeo, as relações entre as histórias contadas pelos corpos em movimento e suas ressonâncias nas memórias ancestrais. Analiso também a importância desses registros como documentos que preservam a história e a identidade das comunidades e povos afro-indígenas.

Seja noite, seja dia, meu corpo gira explora como o movimento dos corpos anuncia uma coleção de saberes e valores culturais. Nesse contexto, concentro-me nos rastros, nas sombras, no desfoque e nos sons, reconhecendo que a audição e a fala também são guias essenciais para o meu trabalho. Assim, o projeto se

materializa em uma sinfonia audiovisual, composta por uma coletânea de cerca de cinquenta fotografias dispostas em uma parede branca, junto a um curta-metragem que compõe o seu centro. Através dessas linguagens, observo de perto e registro fragmentos de saberes, tradições e memórias ancestrais, com o objetivo de analisar como esses vestígios cinéticos permitem uma experiência convidativa de aproximação dessas vivências, transmitindo a percepção de continuidade, movimento e transformação. Dessa forma, manifesto e faço sentir a energia, a vitalidade e a conexão com um tempo que não se categoriza, e que, nas palavras de Leda, é espiralar.

Por esse caminho, pretendo observar um espaço-tempo em constante movimento, que transcende o presente e se projeta em um futuro que se conecta com o passado. Essa perspectiva me convida a pensar no amanhã como uma extensão do ontem, revelando que o pertencimento se entrelaça em uma complexa teia de experiências humanas ao longo do tempo. Nessa jornada, pretendo superar a linearidade temporal, reconhecendo a importância crucial de nossas raízes ancestrais para tecermos conexões entre memória, identidade e território. Através dessa investigação, busco contribuir para a construção de uma narrativa plural e inclusiva, que valorize a diversidade de saberes e experiências presentes em nosso passado, presente e futuro.

Seja noite, seja dia, meu corpo gira, é um projeto - pesquisa que teve início em meados de 2020, iniciando-se no desfile de agremiações do carnaval de Recife, quando registrei a Nação do Maracatu Encanto do Pina. Um tempo depois, após a pandemia da COVID-19, registrei também o grupo de coco Mazuca da Quixaba no Festival de Inverno de Garanhuns, de 2023. Finalizando esse ano de 2024, com minha ida e experiência ao desfile de agremiações do Maracatu Rural de Baque Solto, em Nazaré da Mata, interior de Pernambuco. Mesmo projetando essas vivências como pilares do meu projeto, percebi ao longo do caminho, que meu trabalho também é sobre mim, então nos resultados agrego imagens em fotos e vídeos, além de textos de minha própria autoria guardados em meu celular, que coincidentemente quebrou na semana final de escrita desse projeto.

Apresento, a partir de agora, minhas reflexões ao ir em campo para observar e registrar as três manifestações culturais que se fazem presentes em meu trabalho de conclusão de curso.

2.1 Maracatu Nação de Baque Virado



Foto 1: Mestra Joana Cavalcante, primeira mestra a reger uma Nação de Maracatu no mundo, a Nação do Maracatu Encanto do Pina, no desfile de agremiações de Recife, em 2020.

"Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela, porque tudo é desestabilizado a partir da base da pirâmide social onde se encontram as mulheres negras, muda-se a base do capitalismo". (DAVIS, 2017)

Acima, Mestra Joana Cavalcante, regente da Nação do Maracatu Encanto do Pina no desfile de agremiações do carnaval de 2020. Capturada no início do projeto, a imagem me transporta de volta àquele momento em que eu tentava capturar movimentos, como quem deseja segurar uma boa sensação por mais tempo. O corpo dançante da Mestra, em um contexto específico como esse, representa e carrega consigo a história de muitos outros. O registro aqui, além de documentar e preservar a memória, também traz a responsabilidade de manifestar o poder das mulheres e seu papel na liderança e resistência da tradição.

Vestida com as cores que representam as Yabás Iemanjá e Oxum, divindades da religião iorubá, Mestra Joana dança no tom de externar as forças

dessas orixás. A Nação Encanto do Pina, fundada pela Yalorixá Mãe Maria de Sônia em 1980, em um tempo de repressão ao candomblé e à jurema sagrada, traz uma resistência de anos de luta contra o machismo e o racismo. Dessa forma, documentar momentos como esse transforma-se também em um ato de resistência, e busca desordenar a estrutura sociorracial a fim de reorganizá-la. Por isso, fotografar e filmar são formas de subverter os caminhos dados às imagens, tornando a representação de corpos negros capaz de contornar estereótipos.



Foto 2: Agbezeiras da Nação do Maracatu Encanto do Pina no Tumaraca, no carnaval de Recife, em 2024.

Ao longo do percurso desta pesquisa, percebi que as fotografias e os vídeos, mesmo enquadrando um único indivíduo, representam as histórias de vários outros corpos que se relacionam entre si a partir de valores e tradições culturais. Em seu livro "Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo - tela", Leda Maria Martins argumenta que os corpos são políticos e, através de seus movimentos, reencenam cantos, culturas, tradições e memórias (2021).

Deste modo, em complemento a perspectiva de Leda, trago a reflexão do fotógrafo e pesquisador Etienne Samain em seu livro "Como pensam as imagens?" (2012). Samain propõe que as imagens são pensantes a partir de três argumentos:

1. Toda imagem nos faz pensar, tanto no real quanto no imaginário. Elas nos convidam a refletir sobre o mundo ao nosso redor e sobre nossa própria subjetividade.

2. As imagens são pensantes porque contêm os pensamentos de seus autores e de todos que as observam. Elas são, portanto, um lugar de memória coletiva, onde se acumulam diferentes interpretações e significados, atravessando diferentes vivências e realidades.

3. As imagens pensam, dialogam e se comunicam entre si, independentemente de nós. Elas possuem um significado próprio, se relacionam entre si a partir de seus elementos e características em comum.

Com isso, ao considerarmos as imagens como pensantes, podemos ampliar nossa compreensão do mundo e das relações que o constituem. As fotografias e vídeos do meu projeto, portanto, se propõem a ser mais do que meros registros visuais. Elas são ferramentas para a reflexão crítica, a construção de memórias e a transformação social.

2.2 Maracatu Rural de Baque Solto

Morei em Paudalho (PE) por quatro anos. Minha família materna é de lá, e meus pais ainda residem na cidade. Quando falo em me voltar pequenino para reviver minha força e coragem, me refiro também a retornar a lugares onde os olhares transfóbicos e racistas me fizeram sentir que não pertencia. Essa sensação me impediu de conhecer mais de perto manifestações como essa. Reconheço que as repressões impostas pela transfobia e pelo racismo distanciam os povos de suas próprias tradições e valores culturais. Essas violências, criadas pela raça branca e que envenenaram a todos, fazem com que muitos se vejam ainda obrigados a negar suas raízes em busca de uma vida “cristã”, pautada nos moldes da colonização.

Sendo assim, foi na terça feira de carnaval de 2024 que me vi imerso na energia contagiante do desfile de agremiações em Nazaré da Mata, Pernambuco. Ao chegar, senti os olhares curiosos sobre mim, olhares que já me eram familiares em Paudalho, mas que pareciam se intensificar quanto mais me distanciava da Região Metropolitana do Recife. Meu corpo transgênero, que há alguns anos oscila entre a passabilidade e a estranheza – ambos olhares de violência –, era novamente observado como diferente. O desconforto de ser alvo de olhares

estranhos me impediu de usar a câmera, então me limitei aos registros do meu celular. Apesar de tudo, senti uma enorme felicidade ao ver travestis compondo alguns grupos de maracatu. Sua presença central e ocupante naquele espaço é significativa, pois a cultura não difere da sociedade, e é, ao mesmo tempo, casa e motivo de exílio para muitos de nós.

Ao pensarmos em memória coletiva, surge a questão: como a representação do corpo negro – aqui se relacionando com o movimento, denunciando os rastros e os caminhos de resistência percorridos – pode transformar a estrutura sociorracial e econômica da sociedade?

Imaginando a beleza de um personagem coberto de cores vibrantes, uma figura de corpo e rosto envoltos em uma vestimenta que também narra sua história, me chama atenção desde criança. Essa figura, a qual me refiro, é o Caboclo de Lança, um símbolo do carnaval pernambucano, especialmente presente no interior do estado durante essa época do ano. Sua presença é uma afirmação da identidade “cabocla” e da importância das culturas negra e indígena na formação da sociedade brasileira.



Foto 3: Figuras de caboclos de lança do Maracatu Leão Misterioso de Nazaré da Mata, no desfile de agremiações em Nazaré (PE) de 2024.

O caboclo de lança é mais do que um personagem folclórico. Nascido das canavieiras dos engenhos da Zona da Mata Norte de Pernambuco, a figura vem de uma relação afro-ameríndia, e traz consigo a missão de proteger o seu Maracatu,

assim como sua cultura. A beleza de suas cores e brilhos, junto a sua lança, camuflam uma armadura espiritual em prontidão para entrar em combate sempre que necessário. A dança circular em torno do grupo emana uma corrente de energia em defesa para que o maracatu desfile sem grandes obstáculos, tendo uma passagem de carnaval bem sucedida.



Foto 4: Caboclo de Lança, no desfile de agremiações em Nazaré da Mata, PE.

Ao representar o caboclo de lança em movimento, dançando e, portanto, resistindo, demonstra-se a beleza e a força da cultura afro-indígena brasileira, promovendo a valorização e preservação das suas identidades. A foto, assim, captura símbolos de força, resistência, além da conexão com a natureza. Uma ancestralidade que evoca a história de luta e sobrevivência dos povos da região, a qual também se associa ao resgate da religiosidade, pois o caboclo de lança, assim como toda a história do maracatu rural, está intrinsecamente ligado ao Candomblé e à Jurema Sagrada. Pois, para sair em apresentação, todos os participantes, junto às suas vestimentas, passam por ritos de limpeza e proteção realizados pelos líderes religiosos de cada maracatu. Não é à toa que o caboclo de lança é um dos principais símbolos do estado de Pernambuco. Seu registro, então, também

representa a resistência cultural através da luta contra a intolerância religiosa e a discriminação racial.

Aqui, também acho interessante frisar que utilizei o celular para fazer esses registros, de forma casual, um ato que agrega mais discussão à minha pesquisa. Pensar na democratização do registro fotográfico, a partir do uso generalizado de celulares, traz à tona um debate sobre a veiculação da imagem. Muitos falam sobre a qualidade da imagem das câmeras, o uso técnico das grandes lentes, da diversidade de equipamentos utilizados para cada objetivo. Isso tudo me faz refletir sobre a autenticidade da imagem. Ou seja, penso que a técnica, a câmera ou o seu valor financeiro não importam quando o registro é pessoal, de cunho afetivo, político ou apenas (mas não só) documental. Para a sociedade em que vivemos hoje, é importante garantir que nossos adolescentes e crianças entendam que as imagens produzidas em seus celulares têm capacidade de transformar a realidade.

PONTA PORÃ (MS), DOURADOS (MS), CARUARU (PE) e RIACHO DAS ALMAS (PE) —

Tereza Martins, ou, em sua língua, xamã Kaiowá, teve um olhar diferente, desconfiado, quando se viu, pela primeira vez, na tela de uma câmera digital. Logo depois, abriu um sorriso e avaliou:

— Sou bonita.

Aos 78 anos, a xamã guarani nunca tinha tirado uma foto. (MENEZES; FARAH, 2012).

O recorte da matéria acima, do jornal O Globo em 2012, demonstra o poder da representatividade nas imagens. É fundamental que todos, independentemente de sua origem ou cultura, tenham acesso às ferramentas e tecnologias que lhes permitam registrar sua história e identidade, pois esse também é um ato político. Diversas discussões podem surgir sobre os perigos da fotografia pelo celular, como a perda de memórias avulsas ou a sensação de que a realidade se torna efêmera, carregando "menos valor e menos importância". Na verdade, o que existe é um distanciamento da responsabilidade que todos deveriam ter em educar o próximo, principalmente as gerações mais velhas e mais novas, que são os maiores alvos da vulnerabilidade digital. É um fato que o mundo digital não irá sumir da sociedade. A internet tem o poder de transformar ou destruir o mundo, e todos, sem exceção, precisam saber disso.

Em vez de destacar apenas as desvantagens do celular e dos registros fotográficos ou em vídeo feitos por ele, podemos utilizá-lo como ferramenta para promover a representatividade e construir uma memória mais plural. Dessa forma, tornamos possível que todos, independentemente de classe social ou conhecimento técnico, registrem suas próprias realidades, gerando impacto nas comunidades em que vivem. Isso pode ser feito para preservar uma cultura, denunciar algum descaso ou até mesmo aproximá-los das discussões políticas em seus meios.

2.3 Coco de Roda

Assim como o maracatu de baque virado e o maracatu rural de baque solto, o coco de roda também entra nesta pesquisa sob uma perspectiva pessoal. Como brincante, é nele que meus pés saltam ao mesmo tempo que se fincam no chão, me fazendo retornar a um centro de paz e tranquilidade.



Foto 5: Dançarina Ylana Talita, do grupo de coco Mazuca da Quixaba.

[...] o passado em culturas orais , vive no impulso comunitário de festas, celebrações, êxtases espirituais; em rituais, danças, mímica, timbres vocais, alocações verbais, imagens, enfim performances que revivem o indizível, o interdito. (GIL, 1997, p. 53)

O coco de roda é uma manifestação cultural afro-indígena originada nas comunidades quilombolas de Pernambuco, da Paraíba e de Alagoas. Sua história tem muitas direções, alguns dizem que a dança teve origem no canto das quebradeiras de coco durante a procura pelo fruto na mata e que, só depois, se transformou em ritmo dançado. Sendo assim, a dança é marcada pelos pés que acompanham os tambores e demais instrumentos de percussão, junto a uma roda que se forma para energizar o par que dança no centro.

O grupo Mazuca da Quixaba, retratado na imagem, fundado em 2004, traz a tradição do coco de roda entrelaçado com canções e ritmos da Jurema Sagrada. Seu nome homenageia a Yalorixá Maria da Quixaba do Ylê Axé Oxum Deym, berço do Maracatu Nação Encanto do Pina, mencionado anteriormente. Dessa forma, o grupo atua há longos anos como um instrumento de preservação, resgate e difusão da cultura dos povos de terreiro, compartilhando sua própria história com a de outras comunidades a fim de se fortalecer.

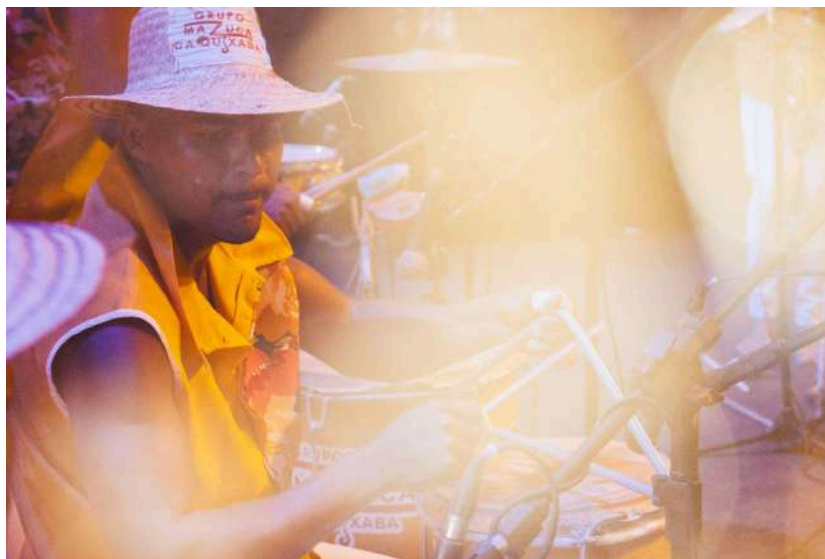


Foto 6: Ogan Dayvison Guian, membro do grupo de coco Mazuca da Quixaba.

O coco de roda, assim como as outras duas manifestações culturais mencionadas, tem a gira ou círculo como um elemento central da brincadeira. A roda formada pelos brincantes se relaciona diretamente com as giras dos ritos do Candomblé e da Jurema, onde os filhos de santo e demais convidados se organizam em torno da matriz de energia principal do salão, convidando as

entidades a trabalharem junto aos seus médiuns. Girar é, portanto, fundamental para a existência do coco de roda.

A imagem acima captura o giro como símbolo de resgate de um movimento que carrega em si referências à religiosidade e à comunicação de um povo. A dança, entrelaçada com cantos de rezas, o som vibrante dos instrumentos e a fumaça dos cachimbos nos rituais religiosos, permite que os seres em terra se conectem com seus ancestrais. A vestimenta também é um elemento significativo e comum aos ritos: costurada com pedaços de chita, um tecido que carrega memórias do período colonial e da escravização no Brasil. A chita era o tecido do "povão", dos ex-escravizados e das populações rurais da época. Séculos depois, ela se tornou parte da identidade brasileira, reconhecendo e celebrando a história e a resistência desse povo.

Os registros que capturei no Festival de Inverno de Garanhuns de 2023 desvendam fragmentos da energia que movimentava aquele espaço. O foco está no palco, nos membros que fazem o espetáculo acontecer, nos instrumentos e nos cantos. Como diz a Yalorixá Mãe Maria de Quixaba na última trilha do CD "A Pisada É Essa" do grupo Mazuca da Quixaba: "Essa mazuca, é uma mazuca de valor. É quando termina o toque, aí fica tudo mazucando", aqui reconhecendo a brincadeira enquanto tradição cultural. A mazuca é um dos ritmos da Jurema que, misturado ao coco de roda, conflui no som produzido pelo grupo. Através disso, os membros resgatam a história do próprio terreiro.

Dessa forma, o registro fotográfico e em vídeo de momentos como esse é fundamental para a preservação da memória, combatendo o apagamento histórico e garantindo a perpetuação de saberes e práticas culturais que formam a sociedade brasileira. É importante também para a resistência da cultura, pois afronta os estereótipos e preconceitos, e incentiva o fomento a um trabalho que sustenta também a economia da região. Além disso, é essencial para a educação e para o fortalecimento das comunidades em suas lutas políticas.

3. Cinema experimental e o resgate histórico

O cinema experimental cruza as estruturas narrativas tradicionais, desafiando a linearidade temporal e a lógica causal. Através de múltiplos fragmentos, como justaposição de imagens e sons em diferentes técnicas de linguagem, o cinema cria, aqui, novas formas de se comunicar, usando da subjetividade e das experimentações sensoriais para se aproximar e fazer o espectador construir sua própria mensagem através do que ouve e/ou vê. Obras como “Exercício de arquivo #2” de Abiniel João Nascimento, e “Bardo do sonho” de Letícia Barros, assim como “Aurora” de Everlane Moraes, entre outras, exemplificam a ruptura com narrativas clássicas, explorando novas formas de abordar temas complexos e imergir o espectador em experiências únicas, que sobressaem ao esperado pelo autor.

Meu projeto propõe um caminho traçado através da experimentação estética e da reinterpretação de imagens e documentos. Dessa maneira, o curta utiliza a fragmentação temporal para revelar memórias e vivências que constroem a minha identidade, e consequentemente, uma brecha da minha pesquisa. Através da reinterpretação de imagens e documentos, o passado é revisitado de forma subjetiva, propondo uma reflexão acerca do pertencimento do corpo, seus movimentos, e a relação com os territórios em que pisa.

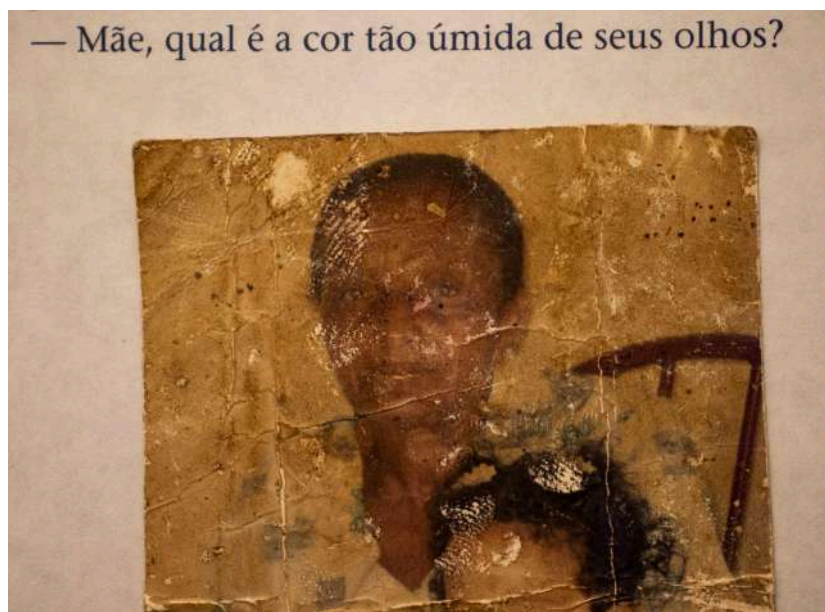


Foto 7: minha vó Alice no frame do curta “seja noite, seja dia, meu corpo gira”.

A figura da minha avó Alice, mulher negra que exerceu durante muitos anos junto a sua família a atividade canavieira, assume um papel fundamental no filme, servindo como um símbolo que tece a narrativa e me conecta à ancestralidade que me rodeia. Por inserção de imagens que revelam a nossa relação e, ao mesmo tempo, a distância entre as nossas histórias, o curta celebra a lacuna de informações como uma possibilidade de projetar uma memória que se faz presente em seu mistério. Essa memória incompleta traz a reflexão de que a busca por identidade e pertencimento é um processo contínuo, onde o inacabado também vira potência.

Logo, o cinema experimental aqui torna-se um meio poderoso para revisitar o passado, confrontar memórias e construir novas perspectivas sobre o indivíduo e o seu coletivo. A experimentação estética e a reinterpretação de imagens me dão a possibilidade de abrir espaço para uma análise crítica do passado e do presente, reconhecendo as contradições que moldam as minhas vivências. Segundo o teórico Graeme Turner, o cinema se configura como um sistema cultural que envolve diversas práticas sociais e se estrutura junto a outros elementos (1997). Reconheço, dessa forma, que isso nos permite compreender que o papel fundamental do cinema está na construção de significados, e há uma força enorme na sua experimentação como forma de promover a crítica social e explorar subjetividades diversas.

4. Considerações finais

Minhas vivências nessa pesquisa resultaram em um projeto de instalação foto-audiovisual que observa as relações entre corpo, identidade, território e ancestralidade. Sendo este, o começo de uma investigação que pretendo continuar ao longo dos anos.

No meu percurso, utilizei a experimentação como ponto de partida e de chegada. Utilizo das minhas vivências para fazer um recorte de narrativa, com o objetivo de levantar reflexões sobre os resgates em memória que fazemos ao registrar, em foto ou vídeo, algo importante para nós. Acredito que a fotografia e o cinema são ferramentas poderosas para a transformação social, sendo na cultura

popular e em suas manifestações, como o coco de roda, o maracatu de baque virado e o maracatu rural de baque solto, que encontrei as pontes necessárias para navegar.

Nossos corpos giram como forma de energizar toda a potência que temos. É através desse movimento que nos conectamos espiritualmente com nossos ancestrais, fincando os pés no chão para fazer a fumaça subir.

Referências bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo da história única**. Publicado pela TEDGlobal 2009. 1 vídeo (18min34s). Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story. Acesso em 03 ago. 2020.

BARROS, Leticia. **Bardo do sonho**. 2018. 4 min.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

GIL; MEINERZ. **Educação, patrimônio cultural e relações étnico-raciais: possibilidades para a descolonização dos saberes**. Horizontes, São Francisco, v.35, n.1, p.19-34, jan/abr. 2017.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MENEZES, Maiá; FARAH, Tatiana. **Com celulares à mão, índios, agricultores e cabeleireiras retratam pela 1ª vez suas famílias**. O Globo, Rio de Janeiro, 04 nov. 2012. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/>. Acesso em: 15 mar. 2024.

MORAES, Petícia C. **Corponegociações: dança, contaminação e criação no coco de roda dos quilombos paraibanos Ipiranga e Gurugi**. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP).

MORAES, Everlane. **Aurora**. 2018. 15 min.

NASCIMENTO, Abiniel João. **Exercício de arquivo #2**. 2020. 12 min.

SAMAIN, Etienne. **Como pensam as imagens**. São Paulo: Editora 34, 2017.

SENA, José Roberto Feitosa. **Maracatu Rural: Uma herança religiosa Afro-indígena na capital pernambucana**. In: 22º Congresso Anual da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião – Soter, Belo Horizonte: Paulinas, 2009. 25-34.

TURNER, Graeme. **Cinema como prática social**. Tradução de J. Guinsburg e M. L. T. Duarte. São Paulo: Editora Summus, 1997.